

A TRADUÇÃO DO TURISMO NA REGIÃO DA VALÉRIA PARA A EMANCIPAÇÃO SOCIAL¹

Agnaldo Corrêa de SOUZA²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma parte da pesquisa realizada na comunidade de São Paulo da Valéria como processo de desenvolvimento da tese *Diversidades de práticas e iniciativas locais para construção do desenvolvimento situado na Amazônia*, na qual procuram analisar o turismo realizado na região da Valéria no interior do município de Parintins-Am. Destacamos a origem do turismo, a serra de Parintins, as comunidades que fazem parte dessa região, para visualizar a construção do desenvolvimento situado baseado na Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento.

KEYWORDS: Turismo; Região da Valéria; Cultura; Desenvolvimento Situado.

1 INTRODUÇÃO

O turismo no Amazonas como atividade econômica aparece nos planos e estratégias das agências governamentais, empresas ligadas ao turismo e em tempo recente, está sendo visto com mais frequência em algumas comunidades rurais, por possuir cenários paisagísticos de belezas naturais, ou por alguma simbolização cultural de sociedades étnicas ou tradicionais. Nesse último caso, acredita-se trazer, benefícios para a promoção do bem estar social e desenvolvimento econômico, com a promessa de melhorar a qualidade de vida ou servir como mais uma estratégia de sobrevivência diante das transformações globais.

Nos discursos acadêmicos do Turismo e em sua aplicação prática, essa atividade é compreendida menos impactantes aos ambientes naturais e culturais, diferentes das atividades de modelos de desenvolvimentos econômicos baseados na industrialização. Nesses processos usam-se grandes espaços para implantação de um grande número de fábricas, assim como a transformação de extensas áreas naturais para promoção da agricultura de uma única cultura, também com vista para os processos industriais.

No uso de espaços naturais e culturais ligados às práticas do turismo criou-se uma concepção de que existe a preservação e conservação dessas áreas, assim como a

¹ Trabalho apresentado no GT X (Interdisciplinaridade, Institucionalidade E Desafios Das Ciências Sociais Na Pan-Amazônia) do III Siscultura.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



preservação dos objetos ligados à cultura como: modo de vida, iconografia, artefatos étnicos, a memória coletiva, os dialetos, a dança, as festas populares, entre outros. Isso tem levado a construção de uma falseabilidade imagética por não evidenciar as reais propriedades por detrás de todo interesse e atividades ligados ao turismo.

O lugar por outro lado é um ente que não pode ser percebido apenas como espaço físico, do qual o homem se apropria de seus recursos e os utiliza para seu benefício. O lugar congrega a dimensão do espaço natural e cultural, onde o homem enquanto ser irá construir a sua humanidade. Essa dimensão simbólica deve ser compreendida em sua totalidade para que ela possa servir como mecanismo de propulso do desenvolvimento humano. É nesse sentido que Hassan Zaoual constrói a *Teoria dos sítios simbólicos de pertencimento*, pois acredita no funcionamento harmônico de toda e qualquer organização humana, econômica ou outra, a partir de um sistema de crenças que dão sentido às práticas aos modelos sociais.

A incorporação das crenças nas atividades sociais remete a inserção local e ao modo cultural onde essas crenças se desenvolvem. O local é a mão invisível da comunidade, na medida em que constitui o corpo de ação e o sentido do pertencimento. Em assim sendo é o móvel do engajamento local na atividade econômica revelando e formatando a esfera cultural em que ela se realiza. As categorias desenvolvimento transposto, economia plural, economia dissidente e economia solidária, examinadas em Zaoual a partir da esfera simbólica tomam assim outros sentidos e significados, ou seja, são constituintes do plano das escolhas que remetem as experiências humanas registradas reflexas e típicas de cada grupo social.

Nossa tese se alinha a este pensamento, uma vez que a organização da atividade turística também está contida dentro de sistema de crenças – são crenças não no sentido de tradições religiosas ou divindades extraterrenas, mas crenças ideológicas em que o homem se constitui cientificamente ou politicamente diante de uma sociedade. Essas crenças são modeladoras e atendem a interesses exteriores dos espaços utilizados para a materialização de uma atividade econômica, como é caso do turismo.

Nesse sentido o turismo se apropria desses espaços e constrói, ao seu modo, os meios para a produção do capital, os quais nesses espaços serão adaptados ou readaptados instrumentos para atender ao mercado, assim como atender a demanda de



consumidores de seus produtos como os espaços comunitários em áreas rurais. Em alguns desses espaços são encontrados tanto a dimensão natural quanto a cultural como espaços para o desenvolvimento das atividades turísticas. Nesse caso específico de processo de construção espacial teremos três espaços: o espaço natural, o espaço cultural e o espaço econômico criado pelo turismo, a Boca da Valéria, como parte dos destinos dos transatlânticos na temporada do turismo de cruzeiros nos rios amazônicos. A Boca da Valéria como espaço econômico reduz a dimensão humana, transformando o ser em mercadoria para atender aos seus consumidores, nesse caso os turistas.

Para compreender os processos socioculturais, socioeconômicos, o processo de tradução utilizado como técnica científica consiste em destacar à essência do lugar em todas as suas dimensões humanas e sociais. Por outro lado, analisar esses processos a partir da abordagem fenomenológica, não só iremos destacar o desenvolvimento de uma atividade econômica, mas evidenciar a forma como está sendo concebido o turismo em comunidades rurais amazônicas, conceitualmente, epistemologicamente e em sua prática. Na perspectiva de tradução, buscar compreender a essência do lugar, é buscar compreender a essência do ser e de suas relações com o espaço dentro do universo teórico e prático.

Compreender as experiências do ser humano consciente, nas palavras de Wagner (1979), que vive e age em um ‘mundo’ que ele percebe e interpreta e que faz sentido para ele, a partir de uma intencionalidade espontânea contidas em suas experiências e consciência. Nesse sentido “A tradução do turismo na região da Valéria para a emancipação social”, título escolhido para contextualizar o turismo realizado em comunidades rurais na Amazônia, parece ser ideal quando se busca evidenciar o duplo sentido do processo de tradução: o modo como se traduz a partir do tradutor sociocultural e, o modo como se traduz a partir da busca da essência dessa atividade a partir dos comunitários. Esse processo tem como objetivo gerar um conhecimento que não esteja preso apenas às questões econômicas.

Como forma de mostrar o processo de tradução do turismo em comunidades rurais na Amazônia, a discussão teórica do turismo com a antropologia, a sociologia, geografia e economia, entre outras, a partir da abordagem interdisciplinar, é essencial para compreensão desse processo sem se prender aos modelos tradicionais de ciência.



Além disso, neste texto, para demonstrar o cenário apreendido, é apresentada uma descrição da área de estudo, assim como a prática do turismo de cruzeiro nos rios amazônicos, tomando como exemplo, o estudo de caso o turismo realizado no espaço denominado Região da Valéria, município de Parintins, Amazonas, Brasil.

Nossa pretensão nesse estudo foi de evidenciar essa atividade não apenas como um processo de encantamento e de perspectiva de desenvolvimento econômico a partir do turismo, mas apresentar uma nova leitura sobre essa atividade, destacando todas as dimensões humanas de construção social, os processos econômicas de modificação dos espaços físicos, a configuração dos produtos que são postos nesse imenso mercado global, bem como a dinâmica socioespacial das comunidades frente a essa atividade econômica na região da Valéria serve como ilustração deste propósito.

O mercado turístico dispõe de produtos disponíveis para uma ampla demanda de pessoas de origem, classes sociais e faixa etária diversificada. Nesse sentido, o turista configura-se como o principal elemento para que venha ocorrer o turismo caracterizado por turismo receptível em termos econômicos. Diante disso, toda a organização dessa atividade econômica desenvolvidas pelas instituições públicas e privadas visam privilegiá-lo, ficando o espaço geográfico, que tem a sua interação da comunidade em segundo plano. Como fenômeno social e o turismo como construção sócio/acadêmica não pode se ater apenas as dinâmicas socioespaciais de saída e entrada de pessoas a um determinado espaço, deve levar em consideração os processos sociais intimamente ligados a esses processos.

Em relação ao desenvolvido em áreas rurais na Amazônia, como o caso da Boca da Valéria, a análise fenomenológica foi colocada como um movimento contraditório dos elementos de produção mercadológicas utilizados para explicar o turismo nesse espaço. O turismo muito além da oferta e procura, consegue desenvolver ações sociais que transformam o espaço como uma espécie de arena de exibição de um espetáculo promovido pelos comunitários para o turista apreciar. Por outro, verificou-se a capacidade de construção e ações sociais diante de uma atividade globalizada, onde o sentimento de pertencimento aparece como uma força contra-hegemônica sobre as regras do mercado global.

Para colaborar com esse entendimento, Zaoual (2006, p. 18) afirma que “tal como a mão invisível do mercado, o sitio é uma estrutura imaginária de coordenação econômica e social, mas ele associa instantaneamente as duas dimensões, contrariamente ao mercado”. Diante desse postulado, o objetivo do estudo aqui apresentado é compreender o turismo não somente como atividade econômica transformadora de espaços físicos e culturais para o desenvolvimento humano, mas apresentar a abordagem do desenvolvimento situado como mecanismo de emancipação social.

Este estudo é resultado de cinco idas ao campo, durante oito meses, sendo que a cada ida foram em média uma semana entre viagens de deslocamento e permanência no campo. Nesse período, o objetivo foi de observar o desenvolvimento do turismo de cruzeiro na comunidade São Paulo da Valéria, onde se encontra a entrada do lago aluvial o qual a organização turismo, nacional e internacional denominou-a de Boca da Valéria como destino turístico, destacado pelo exótico e cultural das populações rurais desse espaço geográfico.

A partir da fenomenologia, perceber a essência de uma construção social está intrinsecamente integrado às experiências vividas, bem como as relações com o externo ou o meio físico que se configura perante as transformações desse espaço pelas ações humanas. Não partiremos da análise espacial em proporções macro no plano de um espaço geográfico, uma vez que esse espaço será dimensionado para a categoria geográfica *lugar*. Essa dimensão consegue relacionar toda sociabilidade existente nesse espaço manifestado pelos sentimentos de pertencimento, o que a diferencia de outras categorias da geografia.

2 REGIÃO DA VALÉRIA E BOCA DA VALÉRIA.

O percurso inicial desta segunda seção começa a partir de uma dúvida surgida durante a preparação do projeto de pesquisa, sobre o uso da categoria “região” ligada aos estudos da Geografia. Parte também de uma breve explicação a nomeação dada pelas populações amazônicas às vias fluviais que dão acesso a cidades, comunidades, vilas e lagos aluviais, conhecidos como boca. A boca é vista como uma via natural fluvial de entrada e saída tanto de pessoas, produtos e por onde a água dos grandes rios durante o processo de cheia irá preencher esses espaços para formar os lagos aluviais.

Na divisa do Estado do Amazonas com o Pará, na margem direita do rio Amazonas, onde está localizada a Serra de Parintins, uma área rural do município de Parintins, existe uma foz ou “a boca”, na linguagem popular, da qual grandes empresas de cruzeiro marítimo internacional a consagrou como um ponto de parada ou destino turístico dentro dos roteiros de viagens pelo rio Amazonas. Além desse elemento natural, o espaço como categoria geográfica, vem sendo alinhado aos conceitos ligados à região, por possuir uma característica geoespacial ligada à dimensão simbólica dada a sua nomeação, com uma área de mais de 85 km², denominado como região da Valéria.

Nesse sentido, o primeiro questionamento foi saber se a região da Valéria era tal qual a materialização dos conceitos sobre região desenvolvidos em Geografia com aptidão na administração pública nas estratégias de organização espacial. A segunda motivação ocorreu a partir das observações durante a pesquisa de campo, sobre a configuração dada pelas companhias de turismo internacional ao elemento natural denominado pelo linguajar popular como Boca da Valéria como destino turístico. Nesse lugar, se convergem os elementos humanos, os cenários paisagísticos, o modo de vida, a fauna e a flora em atrativos para atender a demanda turística que se deslocam de outras partes do mundo a bordo daquelas grandes embarcações.

A região da Valéria e Boca da Valéria a primeira vista indicam um determinado espaço geográfico localizados no estado do Amazonas, mas a representação dessas duas noções não está apenas direcionada a uma extensão do territorial, elas são representações conceituais e simbólicas definições distintas de duas áreas do conhecimento humano, um ligado a Geografia e outro ao Turismo.

O sentido de região como categoria geográfica nesse caso específico, não representa a totalidade do conceito de região formulado por geógrafos como Paul Vidal de La Blache (1845-1918), Friedrich Ratzel (1884-1904)³ e Roberto Lobato Corrêa (2007), uma vez que o conceito de região, passou, deste tempos pretéritos na história da Geografia por construções científicas a partir de vários processos com variadas construções epistemológicas alinhadas por diferentes correntes filosóficas e

³ Foi com Paul Vidal de La Blache (1845-1918), que a geografia regional alcançou grande desenvolvimento. Para ele, a ciência geográfica deveria observar e compreender a singularidade dos lugares. [...] Friedrich Ratzel em relação à visão de homem e de natureza, como constituinte de uma unidade, não como opostos, afirmou que a “síntese regional..é o objetivo último da tarefa do geógrafo, o único terreno sobre o qual ele encontra a si mesmo”. (LENCIONI, 2005, p. 189).



metodológica como o positivismo, o materialismo histórico dialético, a fenomenologia, entre outras.

Nosso trabalho se alinha, neste caso, sobre as construções conceituais e interpretações da corrente filosófica com base na fenomenologia, da qual o conceito de região foge a uma padronização apenas de organização do espaço pela divisão das partes no atendimento de alguma política pública como estratégias do estado. A região/lugar tomada como local de estudo refere-se ao espaço construído social e culturalmente, que não se modela na esfera do particular, mas na convivência harmônica e também conflituosa de todos os seus atores sociais.

A região da Valéria como porção geográfica, reúne os elementos humanos, geomorfológicos, hidrográficos, vegetação, clima, entre outras características inseridas nas definições de uma geografia regional. A região da Valéria situa-se na porção oriental do estado do Amazonas, fronteira com o estado do Pará, onde se localiza a Serra de Parintins. Esse aspecto físico aparece como um dos elementos da geomorfologia das Amazônia mais descritos pelos naturalistas e viajantes como: Spix e Martius 1821, Henri Lister Maw 1827, Luís Agassiz 1865, Paul Marcoy 1869, Santa-Anna Nery 1899, Paul Walle 1909, entre outros. Esses viajantes apresentaram esse monumento natural, ora como colina, ora como monte ou serra em escritos de suas viagens pelo rio Amazonas nos séculos XIX e início do século XX.

Essa região é composta por cinco comunidades rurais: São Paulo da Valéria, onde está localizada a foz ou desembocadura fluvial que o turismo de cruzeiros definiu como destino turístico, da qual permite chegar às comunidades Samaria, Santa Rita de Cássia da Valéria, Bete Semes e Betel. As três últimas comunidades compartilham do lago da Valéria, lago de recorrência aluvial, do qual os comunitários o utilizam como meio de comunicação entre as comunidades, para a pesca e o lazer, além de ser um abrigo natural de proteção para as pequenas embarcações regionais contra os fortes temporais quando ocorrem castigando aquela porção da Amazônia.

Todas as comunidades referidas acima pertencem ao assentamento PA Vila Amazônia, criado no dia 26 de outubro de 1988 pelo processo de reforma agrária ocorrido no país. Esse assentamento segundo o Incra (2015), tem uma área de 76.107,0019 ha, cerca de 853 km², abrange uma pequena porção do município de Juruti



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



no estado do Pará e compreende aproximadamente a 830 km², cerca de 12% do total dos 5.952,369 km² (IBGE 2015) correspondente ao município de Parintins. Ele foi capacitado para receber 2.478 famílias, sendo assentadas 1.772 famílias até 2015, está em sua sexta fase de execução.

Essas famílias deram nova dinâmica espacial, modificando a moldura natural da floresta, contribuindo para formação de novos processos socioambientais. A denominação região da Valéria nesse contexto social serve apenas para dar destaque a um lugar que tem características próprias, com histórias e memórias que fogem a construção socioespacial a partir da demarcação de terras para a reforma agrária, além de representar os limites entre os estados do Amazonas e Pará.

As dimensões simbólicas dessa região são fortalecidas através da linguagem popular que não liga a questões conceituais da Geografia, mas somente à representação do lugar, do sítio, que “funciona, ao mesmo tempo, como o guardião dos lugares e como uma espécie de *expert* coletivo” (ZAOUAL, p. 47, 2006). Sobre lugar o homem constrói suas lembranças, suas memórias, onde existe um elo que liga o ser ao espaço, do qual irá produzir um sentimento de pertencimento. O lugar, a porção menor nas categorias geográficas, espaço em que o homem mantém sua práticas sociais, culturais, econômicas, históricas e onde são realizadas as ações para o bem estar social para toda a comunidade, contendo o simbolismo que mantêm o homem conectado a essa dimensão espacial.

No contexto do simbólico da representação (um cenário paisagístico, uma cidade histórica ou uma comunidade rural amazônica) a indústria do turismo cria seus produtos para serem ofertados no mercado turísticos. Beltrão (2001, p. 11) afirma que “o turismo como atividade produtiva, capaz de movimentar riquezas, arrasta as possibilidades de melhoria da condição de vida econômica-sociocultural das localidades receptoras das correntes turísticas”. Essa atividade produtiva move uma grande demanda de serviços e de indústrias aptas a criar e deixar de pé a produção do turismo para atender consumidores diversificados com produtos diversificados. Essa atividade produtiva faz parte de um sistema interacional entre empresas de serviços, o poder público e uma parte da sociedade, da qual irão estabelecer normas e leis, criar



mecanismos, recursos humanos, utilizar os recursos naturais para sustentar toda essa indústria dentro de uma visão de um possível desenvolvimento social.

Os setores produtivos dessa indústria não diferem das convencionais indústrias com seus modos de produção e a divisão social do trabalho. Dentro da abordagem econômica, as interações em um todo organizado, “deve-se destacar o homem, que, com sua capacidade de trabalho, organiza os processos produtivos, a distribuição e o intercâmbio dos meios materiais de vida na sociedade” (BENI, 1998, p. 64). Na organização, distribuição e intercâmbio em um sistema de produção que os espaços naturais, sociais e culturais são transformados em produtos para a indústria do turismo.

Esses processos são construídos a partir dos sistemas de produção dessa grande indústria destinada ao lazer, ao entretenimento e a realização de experiências diversificadas para atender sua demanda de consumidores. Essa produção está ligada a um “complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visita, lazer e entretenimento” (ANDRADE, 1995, p. 38). O produto turístico concentra-se na produção de bens e serviços variados potencializando os espaços naturais, culturais, tornando-os atrativos como oferta no mercado turístico, como no nosso específico, a *Boca da Valéria*.

A *Boca da Valéria* dentro da oferta do mercado turístico passou a ser um atrativo de visitação e um destino dentro do roteiro de viagem do turismo de cruzeiro no rio Amazonas. Essa modalidade de turismo tem como característica o navio, mais conhecido como transatlântico. Esse meio de transporte “é um hotel itinerante e autônomo, com organização completa a serviço dos passageiros e a classificação de receptivo de luxo” (ANDRADE, 1995, p 126), são “navios modernos, amplos, verdadeiros complexos turísticos de alojamento e recreação flutuantes” (BENI, 1998, p 228). As viagens realizadas para o deslocamento humano ligado ao turismo têm sua configuração e contextualização destinada ao lazer, ao qual o navio configura seus produtos e serviços para atender uma demanda de consumidores que conquistaram o direito do uso do tempo livre.

A *Boca da Valéria* é mais um produto da oferta turística, configurado dentro do sistema como forma de manter a demanda e a dinâmica do sistema turístico. A boca da

Valéria vem da denominação popular em focalizar a entrada de um pequeno furo que dar acesso ao lago da Valéria e desse modo às comunidades pertencentes a esse espaço. Furo e boca passaram a ser sinônimos para designar o lugar de acesso aos movimentos de deslocamento humano, aos espaços com as características lacustres, podendo ser espaços ricos em alimentos – muito visados pela população local –, abrigo contra os fortes temporais, o qual ao longo do tempo, dentro dos processos de ocupação do espaço amazônico passou a ser espaço propício para a formação de muitas comunidades e cidades. Esse espaço e todas as manifestações sociais e culturais, além de seus aspectos naturais como as paisagens e suas riquezas em fauna e flora tornam-se atrativos dentro das estratégias de marketing das empresas de transportes para dispor o lazer à demanda turística.

3 A ORIGEM DO TURISMO NA REGIÃO DA VALÉRIA

A origem do turismo na região da Valéria apresentada nesta sessão não seguirá apenas os relatos dos moradores que tornaram a história desse lugar oficial. Buscamos a partir dos relatos históricos situar esse local no espaço e no tempo como parte do processo de tradução. A abordagem da tradução seguirá os caminhos percorridos por Walter Benjamin (1984), o qual afirma que esse processo “emerge do vir-a-se e da extinção” (onde) “[...] originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado” (BENJAMIN, 1984, p. 68).

A região da Valéria como assim ficou conhecida, não é a representação simples do imaginário popular, mas, é parte da memória de seus moradores e da própria memória do lugar revelada em seu solo e nos artefatos encontrados nesse local. Ultrapassando o domínio geográfico, o substantivo região será dimensionado ao contexto de lugar. Heidegger (1889-1976) refere-se ao lugar como a *ponta de lança*. Esse pensador alemão afirma que *na ponta de lança, tudo converge. No modo mais digno e extremo, o lugar é o que reúne e recolhe para si. O recolhimento percorre tudo e em tudo prevalece.* (HEIDEGGER, 2003, p.27).

A serra de Parintins é uma formação geológica⁴ de grande imponência desse espaço. É um ponto de referência conhecido desde o século dezenove, descrita por viajantes europeus, americanos e brasileiros⁵ que percorreram o vale amazônico descrevendo as paisagens, o modo de vida das sociedades amazônicas, as culturas, o folclore, as populações, os cursos dos rios, a fauna e flora, as riquezas minerais, transformando-as em conhecimento para o mundo. Aos que passam e já passaram por ela a bordo das muitas embarcações e a vislumbram apenas com uma porção de terra, não imaginavam as histórias ocorridas em tempos pretéritos nesse espaço amazônico. Santa-Anna Nery (1899) escreve no final do século dezenove sobre uma viagem que talvez seja o marco, não apenas para a história desse lugar, mas o marco na história como percurso da construção social da própria Amazônia, pois a partir desse episódio, propagado pela literatura nacional e internacional, o espaço amazônico passou a ser visto pelo mundo. Ele escreve:

Depois de passar perto do rio Jamundà ou Nhamundá – o Cunuriz ou rio das mulheres, de C. Acuña, onde Francisco de Orellana afirma ter visto as Amazonas, e que hoje serve como um limite aos dois grandes Estados da Amazônia, – deixamos ao longe a serra de Parintins e nos aproximamos à cidade de mesmo nome (SANTA-ANNA Nery, 1899, p. 28, tradução nossa).

Podemos dizer que a serra foi testemunha desse fato histórico, não que ela seja um ser vivo que carrega na memória lembranças de um passado humano, mas não há dúvida que todo ser humano possui uma história ou realização em um dado espaço. Por essa circunstância, ao nos referirmos a serra de Parintins, queremos chamar atenção para esse espaço, pouco visto até nas lembranças ou narrativas históricas contemporâneas com um lugar qualquer. É lugar que é referenciado apenas como o marco divisório para os estados do Amazonas e Pará, mas ao contrário disso, ao buscar na literatura clássica

⁴ A Formação Alter do Chão é a unidade de maior extensão aflorante na Bacia do Amazonas e está limitada pelos arcos de Purus a oeste e de Gurupá a leste, e é interpretada como produto de um sistema deposicional flúvio-deltaico-lacustre com planícies abandonadas de rios entrelaçados (Kistler 1954, Wanderley Filho 1994, Caputo et al. 1972, Souza 1974, Pereira 1988, Cunha et al. 1994, Viera & Nogueira 1998, Dino et al. 1999, Nogueira et al. 2003) (apud, HORBE et al. 2006).

⁵ AMAZONAS, L da S. A. e. *Diccionario Topographico, histórico, descriptivo da Comarca do Alto-Amazonas* (1852); AGASSIZ, J. L. R. *Viagens ao Brasil 1865-1866* (2000), Société de géographie (France). *Bulletin de la Société de Géographie (Paris). 1873-1873* (1873); MARC, A. *Le Brésil: excursion à travers ses 20 provinces* (1890); SANTA-ANNA NERY, F. J. de. *Le pays des Amazones: l'El-Dorado, les terres à caoutchouc* (1899); WALLE, P. *Au pays de l'or noir: Para, Amazonas, Matto Grosso* (1909).

do século de XIX, desde Spix e Martius (1819) a Santa-Anna Nery (1899), é lugar bastante citado que traz muito além de uma simples descrição desse lugar, mais uma história pouco revelada.

Uma dessas histórias refere-se à origem do turismo nessa região da Amazônia ocorrida a mais de quarenta anos, segundo os relatos de alguns moradores mais antigos que nos falaram ter sido por um acaso a escolha do lugar. Esses relatos chamaram nossa atenção para saber o porquê do turismo naquela localidade, o que nos parece não ter sido uma obra do acaso, visto que aquele espaço geográfico se configura por sua história revelada pelos achados arqueológicos que remotam épocas além da chegada do europeu na Amazônia contando a história das primeiras populações naquele lugar.

O senhor Raimundo Gomes, um dos moradores fundadores da comunidade São Paulo, na qual se encontra a desembocadura que dá acesso às outras comunidades, após uma longa conversa descontraída nos falou que por volta de 1971 um navio que passava margeando o rio Amazonas próximo a serra de Parintins parou, e desceu o prático condutor daquela embarcação pelos rios Amazônicos que considerava aquele lugar possuir uma beleza paisagística exuberante. A partir desse momento o local passou a ser visitado constantemente por grandes navios de cruzeiros que traziam turistas de outras regiões do país e do mundo.

O senhor Gomes, um senhor já com seus 90 anos (atualmente), com a voz pesada e com dificuldade de expressar o nome da embarcação de língua estrangeira, falava do nome daquela embarcação, da qual fomos buscar de fato o nome original para desmistificar a origem do turismo na região da Valéria. A referida embarcação tinha o nome de *MS World Discoverer*, de origem alemã, no entanto sua construção é do ano de 1974, iniciado pela empresa Schichau Unterweser e concluído pela empresa Bremerhaven. De fato essa embarcação visitou inúmeras vezes a Amazônia, trazendo turistas da Europa, passando pelas principais cidades ao longo do rio Amazonas, chegando às cidades de Iquitos no Perú e Leticia na Colômbia.

No acervo da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, na seção Hemeroteca Digital, onde há uma variedade de jornais antigos do país, encontramos algumas publicações do *Jornal do Comercio (AM)*, período de 1905 a 1979 que dar destaque a presença dessa embarcação na cidade de Manaus nos mês de outubro no ano de 1977.

Podemos deduzir que a passagem pela região da Valéria ocorreu nesse período, levando cerca de 150 turistas europeus e acompanhados da agência de turismo Selvatur. De acordo com a edição do jornal de sábado, 5 de novembro de 1977, o navio tinha como imediato o Sr. Heinz Aye e que práticos amazonenses contrinuíam na condução da embarcação pelos rios amazônicos até as cidade peruanas e colombiana. Mostrando essas informações pudemos apresentar um pouco da história não apenas do turismo na região da Valéria, mas destacar a importância do transporte fluvial e do conhecimento da tradicional contido na memória do homem amazônico.

4 EMPRESAS, TURISTAS E OS COMUNITÁRIOS

Essa tríade destacada nesse tópico aparece como os elementos que fazem acontecer às ações da atividade voltadas para o turismo na região da Valéria. O planejamento do turismo realizado pelas empresas que operam o turismo de cruzeiro pelos rios amazônicos tem uma variação de tempo, podendo ocorrer de novembro a março ou de outubro a abril, dependendo da navegabilidade das embarcações sobre os rios, configurando desse modo como a temporada dos cruzeiros marítimos. No período que acompanhamos esse movimento, era prevista a chegada de dezessete cruzeiros em toda a região, com início no mês de novembro e termino no mês de maio, mas um número pequeno de embarcação que tem como destino a Boca da Valéria.

Os turistas são pessoas de varias idades, entre jovens e a grande maioria casais de idosos que desfrutam do lazer, boa limentação, serviços de hotelaria, academia, entre outros serviços. Para Beni (1998, p. 228), “atualmente, a navegação marítima para o Turismo, com o desaparecimento da grande maioria das rotas regulares, limita-se a cruzeiros com navios modernos, amplos, verdadeiros complexos turísticos de alojamento e recreação flutuantes”. O navio sendo o próprio atrativo, também oferece como produto a visitia em uma comunidade como um lugar exótico e o contato com o universo primitivo, mas a estada tem um tempo limitado.

Como parada é obrigatória, uma vez que está prevista no roteiro de viagem, os turistas são conduzidos à comunidade para ter a experiência de contato com as sociedades primitivas com seus modos de ser e viver, moradia, entre outros aspectos sociais e culturais das comunidades. Colocar o comunitário como um ser primitivo, não



nos os distancia da abordagem discutida por Nobeert Elias em seu processo civilizador. Esse ser social é rico culturalmente conseguindo estabelecer um tipo de relação da qual Zaoual chama de harmonização social, uma vez que toda organização humana, precisam funcionar e evoluir harmoniosamente com seu ambiente, um sistema de crenças que dá sentido as práticas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas de crenças que movem as ações dos comunitários nessa região e faz acontecer o turismo receptivo, com a venda de suvinis fabricados pelos moradores é um indicativo de que as experiências de uma determinada população consegue estabelecer uma relação ao sistema globalizante. Os moradores dessas comunidades produzem artesanatos apreendidos pelo convívio entre os próprios comunitários e repassados para as outras gerações. Serviços de canoagem, confecção de lembranças, venda de bebidas, bonecas de pano, guardanapos e uma variedade de produtos e serviços fazem movimentar toda a economia durante esse período. Se alinhado a um tipo de desenvolvimento com base na cultura local, que é a base do desenvolvimento situado, pudemos transformar mais a realidade social e produzir um bem estar socail.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. V. de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BELTRÃO, O. di. **Turismo: a indústria do século 21**. Osasco: Editora Novo Século, 2001.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão** (Série Elogio da Filosofia). Tradução, apresentação e notas Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ : Vozes; Bragança Paulista; Editora Universitária São Francisco, 2003.



HORBE, A. M. C. et al. (2006). Geoquímica de camadas vermelhas bioturbadas da formação Alter do Chão, cretáceo da bacia do Amazonas. **Revista Brasileira de Geociências**. V. 36 n. 3 setembro de 2006, 396-402 p. ISSN: 0375-7536 Disponível em: <<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/rbg/article/view/9318/8792>> Acesso em: 16 mar. 2017.

SANTA-ANNA NERY, F. J. de. *Le pays des Amazones: l'El-Dorado, les terres à caoutchouc*. Paris: Librairie Guillaumin, 1899. Disponível em: <<https://ia600309.us.archive.org/25/items/lepaysdesamazone00santuoft/lepaysdesamazon00santuoft.pdf>> Acesso em: 16 mar. 2017.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WAGNER, H. R (Org). A obra de Alfred Schutz: Pontos de partida: O quadro da sociologia fenomenológica de Schutz. In: SCHUTZ, A. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais**: uma introdução ao pensamento pós-moderno. Tradução Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A; Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.